

# Uma Rosa para o Exército

## Contribuições de dona Rosa da Fonseca, Patrona da Família Militar

Marcelo da Silva Nunes\*

### Introdução

Definir família não é uma tarefa fácil, pois seu significado sofre alteração ao longo do tempo. Na Roma antiga, o termo “família”, derivado do latim *famulus*, significava “escravo doméstico”. Nos dias atuais, o dicionário Aurélio define como “Conjunto de todos os parentes de uma pessoa e, principalmente, dos que moram com ela”.

Atualmente a família, como instituição, tem enfrentado uma série de novos desafios, sobretudo pelas várias transformações legislativas e políticas em matéria de matrimônio e em relação à vida devido à rápida transformação da sociedade nestes últimos tempos.

Hoje em dia são muitos os sinais de degradação de alguns valores fundamentais da família, como, por exemplo, o número crescente de divórcios, a crescente mentalidade contraceptiva, o aborto, entre outros. Há, ainda, a questão do avanço da tecnologia, que, embora traga os benefícios de nos permitir fazer contatos com pessoas que moram em regiões distantes do mundo, enviar e receber documentos em tempo recorde e ampliar nossos conhecimentos em todos os aspectos da vida cotidiana, também promove

um certo distanciamento, pois ficamos totalmente conectados no mundo virtual, ignorando o que se passa em nosso entorno. Não é difícil ir a um restaurante e ver em uma mesa uma família onde cada membro está concentrado apenas na tela do celular à sua frente.

A família, em todos os tempos, foi considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. Ela é o instrumento mais eficaz de personalização da sociedade; sociedade esta que lamentavelmente vem sendo cada vez mais despersonalizada, sobretudo, com o crescimento assustador da violência, da miséria, das drogas e de tantas outras desordens que têm ferido o âmago da família.

A humanidade precisa recuperar a capacidade de olhar adequadamente para as questões em torno da família, pois o futuro da sociedade passa por ela; por isso mesmo, diante dos inúmeros desafios e das mais diversas ameaças, ela representa uma esperança, sendo um dos tesouros mais importantes da sociedade.

### A Família Militar

Normalmente os oficiais do Exército são transferidos a cada dois ou três anos. Essas transferências incluem cursos de aperfei-

---

\* Graduado em Ciências Sociais (UERJ/02), mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO – Niterói-RJ).

çoamento, como os ministrados na ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército) ou a EsAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), ambas no Rio de Janeiro. Além disso, essa movimentação tem por finalidade principal assegurar a presença nas organizações militares do efetivo necessário à sua eficiência operacional e administrativa, além de proporcionar grande experiência para o oficial e ampliar sua visão sobre o Brasil. É fundamental para a profissão conhecer e servir nas diferentes regiões do país que jurou defender.

A movimentação dos oficiais pelo território nacional se faz em sua grande maioria acompanhada de suas esposas e filhos. Elas sabem, quando se casam com um militar, que este costuma ser designado para várias missões e que elas devem acompanhá-los; o que as afasta de suas famílias e dos laços de sociabilidade que tinham antes de casar.

De certo modo, essas mudanças geram, para a família do militar, o conhecimento de novas pessoas e regiões, mas pode criar também alguns inconvenientes, como a dificuldade de emprego para o (a) companheiro (a) civil ou mesmo os estudos, pois, embora a transferência seja garantida pelo estado, conciliar o currículo de uma universidade com o de outra geralmente não é tarefa fácil.

Outro ponto importante na vida da família militar relaciona-se ao dia a dia, à logística de uma casa. Em muitos casos durante essas transferências, a nova casa não tem as mesmas características da anterior, sendo necessárias adaptações com móveis, quartos para todos os filhos, ou porque fica distante do quartel onde o marido ou a esposa serve.

O sentimento de lar e lugar está em constante construção.

O que é um lar<sup>1</sup>? A palavra vem do nome dado aos deuses romanos protetores de um domicílio, os lares, que se relacionavam ao local onde era aceso o fogo para cozinhar e aquecer, um conceito que hoje não temos mais. O dicionário Aurélio vai definir “lar” como “Solo da chaminé da cozinha, chão ou pedra em que se acende o lume na casa pobre, casa, pátria”.

E o que é o lugar? Dento da geografia, o termo lugar tem vários sentidos e definições; o conceito utilizado por Carlos (2007) parece o mais adequado:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora, produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (pág. 22)

As mudanças pelas quais os oficiais têm de passar ao longo da carreira indicam o modo de vida de suas famílias e, de certo modo, até reforçam o núcleo familiar. Também produz identificação e um estreitamento de laços entre as famílias militares.

Essa concepção da “Família Militar” contempla características encontradas nos quartéis, tais como camaradagem, coletividade, união, respeito etc. Sendo assim, a “Família Militar” contempla o Exército como um todo e com um grande sentimento de grupo.

A “família” torna-se “Família Militar” no convívio nas vilas e prédios militares, nas funções que as esposas têm dentro do meio militar e nos eventos militares. Isso se estende para os filhos de militares que seguem a carreira do pai.

Como vimos, a vida do militar e de sua família não é fácil ou tranquila, como podem vir a pensar algumas pessoas. É exigida uma disciplina, dedicação e uma entrega além das conhecidas pelas famílias de não militares.

Nesse contexto, ter referências positivas e inspiradoras ajuda, pois é natural do ser humano espelhar-se em alguém para moldar seus costumes, crenças, atitudes, escolhas, comportamento etc. Isso acontece por um fenômeno natural, nitidamente percebido no comportamento das crianças, cujas ações são diretamente influenciadas pelas atitudes dos pais ou familiares próximos de seu convívio diário. Assim como é verdade o velho jargão que propõe que “uma imagem vale mais que mil palavras”, a força de um bom exemplo nos orienta e nos inspira muito mais do que milhões de palavras ou normas.

### **Dona Rosa Fonseca**



Figura 1 – Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti  
Fonte: [www.myheritage.com](http://www.myheritage.com) (acesso em 20/10/2016)

Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti, também conhecida como dona Rosa Fonseca, é uma dessas pessoas em cujo caráter, força e patriotismo devemos nos espelhar.

Dona Rosa nasceu em 18 de setembro de 1802, no povoado Riacho Velho, atualmente município de Marechal Deodoro, em Alagoas. Embora na sua época a sociedade fosse extremamente patriarcal, ela exerceu um papel fundamental na formação cívica da família.

Rosa da Fonseca e Manuel Mendes casaram-se em setembro de 1824. Como ela vinha de uma família muito humilde, essa união não foi bem recebida pela família do marido. Esse casamento originou uma das mais importantes linhagens militares do país, como o marechal Manuel Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do Brasil, e Hermes Rodrigues da Fonseca, sobrinho, do Marechal Deodoro.

Segundo Fonseca (1982), a origem da família Fonseca é bem antiga.

Todavia as origens mais remotas dos FONSECAS retroagem no tempo até o século II a.C., quando Portugal e Espanha foram conquistados pelos romanos. O nome Fonseca é tão antigo quanto o antiquíssimo velho Portugal. Apesar de muito popular em Portugal o nome Fonseca, não se sabe exatamente qual a família que teve primeiro o direito de usá-lo. O nome Fonseca estendeu-se além de Portugal e Espanha, tomando a forma de Fonsèque na França e de Fonseca ou Fonsecha na Itália. Fonseca ou Affonseca provém da família de Mem Gonçalves da Fonseca ou Mem González de Affonseca, que deixou a seguinte descendência: Payo Cavaleiro, Fidalgo de Galiza, que foi pai de Gonçalo Paese, este pai de Mem González de Affonseca, casado com dona Maria Peres Tavares, filha de Estevam Peres Tavares, sabendo-se que deste casal descendem todos os FONSECAS de Portugal e do Brasil.

A família Fonseca, brasileira, tem as suas raízes mais antigas na família Lopes Galvão, que teve como seu fundador, nos fins do século XVIII, o Mestre de Campo do Regimento da cidade de Olinda/PE, Manoel Lopes Galvão, que se fixou no Rio Grande do Norte. Núcleos da família Lopes Galvão se desenvolveram na região de Seridó, notadamente nos municípios de Acary e Currais Novos. A partir de 1825, reaparecem, nos descendentes de Manuel Mendes da Fonseca e de sua mulher, Rosa da Fonseca, os sobrenomes que, num passado longínquo, foram conhecidos em Portugal e Espanha: Rodrigues da Fonseca, Mendes da Fonseca (ou Affonseca) e Martins da Fonseca (ou Affonseca). (pág 96-120)

O marido de dona Rosa, o Sr. Manuel Mendes da Fonseca Galvão, era um militar do Exército (1785–1859). Ele era primo dos marechais Rufino Enéias da Fonseca Galvão, visconde de Maracaju (1831-1909), o último ministro da Guerra da monarquia, e Antônio Enéias da Fonseca Galvão, Barão do Rio Apa (1832-1895), ministro do Supremo Tribunal Militar. Reformou-se em 1842, no posto de tenente-coronel.



Figura 2 – Antiga residência da família Fonseca na cidade de Marechal Deodoro-AL

Fonte: culturae viagem.wordpress.com (acesso em 20/10/2016)

Dona Rosa teve dez filhos, sendo oito homens e duas mulheres. Destas não se têm muitas informações. Já os filhos todos ocuparam cargos importantes no Exército, na política e na Administração Pública.

Dos quatro filhos enviados para combater na Guerra do Paraguai, três deles faleceram em combate: Afonso Aurélio da Fonseca, alferes do 34º Batalhão dos Voluntários da Pátria, o capitão Hipólito Mendes da Fonseca, morto na Batalha de Curupaiti, e o major Eduardo Emiliano da Fonseca, morto no combate da ponte de Itororó.

Há relato a respeito de dona Rosa (1866) que narra a seguinte fala de nossa patrona:

Prefiro não ver mais meus filhos! Que fiquem antes todos sepultados no Paraguai, com morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para nossa Pátria.

A vitória que a Pátria alcança e que todos foram defender vale muito mais que a vida de meus filhos.<sup>2</sup>

Flores (2010) conta-nos que:

Quando soube das perdas, irreparáveis para o amor materno, festejou com o povo a vitória obtida pela Pátria, engrandecida com as mortes dos seus heróis, para só então, nos dias subsequentes, recolhida em seu quarto, chorar a morte dos filhos. (pág.39)

Severiano Martins da Fonseca nasceu na cidade de Alagoas (atual Marechal Deodoro), em 8 de novembro de 1825. Foi um militar e marechal de campo brasileiro. Participou da Campanha do Paraguai, recebendo diversas condecorações, entre elas as medalhas Paissandu, Mérito Militar e Bravura Militar. Fez parte do Conselho do Imperador, do

---

Conselho Supremo Militar e do Conselho de Guerra. Comandou a Escola Militar entre 1877 e 1878. Faleceu no Rio de Janeiro, 18 de março de 1889, 16 dias depois de receber o baronato.

Coronel Pedro Paulino da Fonseca nasceu na cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro, no dia 6 de julho de 1829. Em 1872 tornou-se sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e, em 1883, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Com a proclamação da República, foi nomeado, por decreto de 19 de novembro de 1889, coronel honorário e governador de Alagoas. Tomou posse a 2 de dezembro, substituindo Tibúrcio Valeriano de Araújo. Em seu governo, fez gestões para a criação da vara privativa de juiz de direito dos casamentos, cumprindo assim as exigências para a institucionalização do casamento civil, criado pela República. Foi senador da República pelo mesmo estado. Faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 16 de novembro de 1902, como coronel honorário do Exército brasileiro e diretor da Casa de Correção.

Marechal Hermes Ernesto da Fonseca nasceu em Alagoas, no atual município de Marechal Deodoro, em 11 de setembro de 1824. Com 16 anos, se tornou bacharel em Ciências e Letras e entrou para a Escola Militar do Rio de Janeiro. Foi ministro da Guerra no governo do presidente Afonso Pena (1906 a 1909). Participou ativamente, em 1910, da fundação do Partido Republicano Conservador (PRC). Em 1914 (após o mandato presidencial), foi eleito senador pelo estado do Rio Grande do Sul, porém se recusou a assumir o cargo em função do

assassinato de Pinheiro Machado (dirigente do Partido Republicano Conservador). Faleceu na cidade de Petrópolis (Rio de Janeiro) em 9 de setembro de 1923.

General João Severiano da Fonseca nasceu a 27 de maio de 1836, na cidade de Alagoas, hoje chamada Marechal Deodoro. Em 1880, tornou-se o primeiro militar a integrar a Academia Imperial de Medicina. Em 1887, atuou como médico na Comissão de Limites com a Bolívia em Corumbá, regressando após três anos para ser reintegrado ao Hospital da Guarnição da Corte. Por uma determinação do ministro da Guerra, que não mais permitia a direção dos hospitais militares por oficiais leigos (não médicos), João Severiano, já como tenente-coronel, assumiu interinamente a direção do hospital na transição do Brasil Imperial para o Brasil República (e do Hospital da Guarnição da Corte para o Hospital Central do Exército).

Militar mais antigo do Corpo de Saúde à época, foi, logo depois, promovido a coronel e nomeado inspetor do Pessoal do Serviço Sanitário, sendo efetivado no posto de general de brigada, como inspetor geral do Serviço de Saúde, a 4 de outubro de 1890.

Ainda em 1890, passou a fazer parte do Conselho Supremo Militar de Justiça. Serviu, ainda, no Hospital Militar de Andaraí e chefiou a enfermaria da Escola Militar da Praia Vermelha, além de ter sido professor da cadeira de Ciências Físicas e Naturais do Imperial Colégio Militar.

É interessante notar que João Severiano foi desligado do Exército oito dias após assinar o *Manifesto dos treze generais*,



Figura 3 – Imagem da família Fonseca

Fonte: [www.legiaodainfantariadoceara.org](http://www.legiaodainfantariadoceara.org) (acesso em 21/10/2016)

que contestava a legitimidade do governo de Floriano Peixoto. Teoricamente, entretanto, o licenciamento deu-se devido a sua eleição a senador. Ao término do mandato, em 4 de novembro de 1893, ele foi reintegrado ao Exército ainda no cargo de inspetor-geral do Serviço Sanitário, o qual ocupou até seu falecimento, em 7 de novembro de 1897, na cidade do Rio de Janeiro.

Marechal Manuel Deodoro da Fonseca nasceu na cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro, em Alagoas, no dia 5 de agosto de 1827. Em 1848, aos 21 anos, integrou as tropas que se dirigiram a Pernambuco para combater a Revolução Praieira e participou ativamente de outros conflitos durante o Império, como a brigada expedicionária ao rio da Prata, o cerco a Montevidéu e a Guerra do Paraguai.

Ingressou oficialmente na política em 1885, quando exerceu o cargo de presidente (equivalente ao atual de governador) da província do Rio Grande do Sul. Assumiu a presidência do Clube Militar

de 1887 a 1889 e chefiou o setor antiescravista do Exército. Com o título de marechal, Deodoro da Fonseca proclamou a república brasileira no dia 15 de novembro de 1889 e assumiu a chefia do governo provisório. Faleceu no Rio de Janeiro, em agosto de 1892.

O patriotismo de dona Rosa era tão inspirador que há interpretações que sugerem que um dos maiores escritores

de todos os tempos, Machado de Assis, publicou o soneto *Cala-te amor de mãe*, tendo como ilustração a foto da **Figura 3**.

Cala-te, amor de mãe! Quando o inimigo  
Pisa da nossa terra o chão sagrado.  
Amor de pátria, vivido, elevado,  
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior do que o perigo;  
Pede-te a pátria, cidadão honrado;  
Vai, meu filho, e nas lides do soldado  
Minha lembrança viverá contigo!

É o sétimo, o último. Minh 'alma repartida,  
Vai toda aí, convosco repartida,  
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! não te assuste o horror da marcia lida;  
Colhe no vasto campo a melhor palma;  
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

Flores (2010, p. 38) reforça a caracterização de dona Rosa como a “grande velhinha que soube inflamar a alma dos seus filhos com chama de amor à pátria”. Afirma, ainda, que seu lar modesto era o quartel-general de todos os militares.

## COMANDANTE DO EXÉRCITO

PORTARIA Nº 650, DE 10 DE JUNHO DE 2016.

Aprova a Diretriz para a entronização de D. Rosa da Fonseca como Patrona da Família Militar e implantação do Dia da Família Militar (EB10-D-05.001) e dá outras providências.

O COMANDANTE DO EXÉRCITO, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 4º da Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, alterada pela Lei Complementar nº 136, de 25 de agosto de 2010, o inciso XIV do art. 20 da Estrutura Regimental do Comando do Exército, aprovada pelo Decreto nº 5.751, de 12 de abril de 2006, ouvidos o Estado-Maior do Exército e o Departamento de Educação e Cultura do Exército, resolve:

Art. 1º Instituir D. Rosa Maria Paulina da Fonseca (1802-1873) como Patrona da Família Militar e estabelecer o dia 18 de setembro, seu nascimento, como o Dia da Família Militar.

Art. 2º Aprovar a Diretriz para a implantação das citadas reverências no âmbito do Exército, que com esta baixa.

Art. 3º Estabelecer que esta portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Boletim do Exército nº 24, de 17 de junho de 2016. - 11

Figura 4 - Designação de Rosa Maria Paulina da Fonseca como Patrona da Família Militar  
Fonte: [www.legiaodainfantariadoceara.org](http://www.legiaodainfantariadoceara.org) (acesso em 21/10/2016)

Dona Rosa faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1873; foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. A lápide do antigo túmulo encontra-se na Casa de Deodoro, em Marechal Deodoro, para visitação pública.

### Conclusão

Diante de uma personagem histórica de tamanha devoção patriótica e que tanto contribuiu para o país através da educação dada aos seus filhos, o Exército, através da Portaria nº 650 de 10 de junho de 2016 (**Figura 4**), do comandante do Exército, instituiu como Patrona da Família Militar a dona Rosa Maria Paulina da Fonseca e estabeleceu o dia 18 de setembro, data do seu nascimento, como o Dia da Família Militar.

Diante de uma sociedade cada vez mais individualista e de valores questionáveis, que se refletem no crescimento da violência, miséria, drogas, divórcios e tantas outras desordens que ferem a essência da família, o Exército ter como Patrona da Família Militar uma pessoa com o histórico de dona Rosa Fonseca é um referencial importante como instrumento de personificação que serve a sociedade.

Os bons exemplos ajudam a construir os valores que adquirimos ao longo da vida e que pesam na balança de nossas tomadas de decisão. Eles nos fazem inclinar nossas atitudes ou nossa conduta em uma direção, e não em outra. Os valores, ao fazerem nossas decisões e ações tomarem determinada direção, estão funcionando como a fonte do sentido de nossas opções, de escolhas, de nossas decisões, de nossos atos e de nossas ações. **REB**

## Referências

- A FAMÍLIA mais patriótica do Brasil.** Disponível em <culturaeviajem.wordpress.com/2014/10/25/a-familia-mais-patriotica-do-brasil-e-alagoana>. Acesso em 04/10/2016.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BARROS, Reynaldo de. **Pedro Paulino da Fonseca.** Disponível em <cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Pedro%20Paulino%20da.pdf>. Acesso em 10/10/2016.
- BRASIL. PORTARIA Nº 650, de 10 de junho de 2016 do Comandante do Exército. Aprova a Diretriz para a entronização de D. Rosa da Fonseca como Patrona da Família Militar e implantação do Dia da Família Militar
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.
- FLORES, HILDA AGNES HUBNER. **Mulheres Na Guerra do Paraguai.** Porto alegre: EDIPUCRS – PUC, RS, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FONSECA, Walter. **Fonseca, uma família e uma história.** Editora Obelisco, 1982.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. **Narrar vidas, contar a história.** A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- ROSA da Fonseca.** Disponível em <www.wikialagoas.al.org.br/index.php?title=Rosa\_da\_Fonseca&oldid=93445#Vencendo\_Barreiras>. Acesso em 02/10/ 2016.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Belo Horizonte: Ed. UFMG/Cia. das Letras, 2007.
- SENA, Ernesto. **Deodoro Subsídio para a história.** Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.
- SILVA, Alberto Martins da. **Rosa da Fonseca e seus filhos.** Brasília, DF: Athalaia, 2013.
- SILVA, Hélio. **Deodoro da Fonseca 1º Presidente do Brasil (1889 1894).** Editora Três. 1983.
- N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

---

<sup>1</sup> A palavra “lar” em nosso idioma ainda se usa para “local onde se acende o fogo numa casa”, mas sendo substituída por “lareira”. <origemdapalavra.com.br/site/palavras/lar/>.

<sup>2</sup> <www.legiaodainfantariadoceara.org/Rosa-Fonseca\_cronologia.html>. Acesso em 27/10/2016.